

Os médicos, as outras vítimas

PAULO MALUF

Muitas pessoas já atentaram para uma outra grave consequência da situação a que as autoridades da saúde e previdenciárias federais deixaram chegar o serviço público hospitalar do país.

Como se não bastassem o desentendimento e a humilhação por que passa a população pobre, a deterioração a que chegaram os hospitais públicos federais e os conveniados faz outras vítimas, em massa. Sim, a situação caótica e vergonhosa dos hospitais está aumentando ao infinito a aflição de outro aflito: a classe médica.

A incompetência, o desleixo e o desprezo que deixaram os hospitais públicos se transformarem em antecâmara da morte ou do inferno afetam profundamente, e injustamente, o prestígio da classe médica, pois tiraram-lhe a capacidade de servir e de socorrer adequadamente e com a competência de que dispõe.

É melancólico ver como médicos, diretores ou responsáveis pelos hospitais públicos, com devoção e carinho, sem quebrar a disciplina e atacar os verdadeiros culpados pelo descalabro atingido pela assistência médico-hospitalar oficial, lutam pelo atendimento ao mais carente.

A situação dos hospitais públicos e conveniados brasileiros quase exige a declaração de estado de emergência — para fazer convergir para o setor toda a ajuda que o estado ainda for capaz de dar, em combinação com a iniciativa privada.

Era essa, há dias, a situação anunciada do Estado do Rio, onde televisões e a imprensa informavam existir a espantosa cifra de dez mil leitos desativados.

Também a desconsideração que o Inamps veio dando ao grande Hospital São Paulo e à respeitável e tradicionalíssima Santa Casa de Misericórdia da capital paulistana, e a dezenas de outros estabelecimentos do interior paulista, joga no lixo as mínimas regras de relacionamento com entidades de tantos serviços prestados.

Por todo o país, com ligeiras variações, o quadro é o mesmo. Corredores cheios, macas com doentes pelo chão, enfermarias superlotadas, numa promiscuidade de cama-com-cama, filas nas ante-salas, filas ao relento nas ruas, e cadeados trancando alas inteiras de hospitais, para comprovar aos desesperados que ali não há esperança.

Há quem exalte o conformismo de nossa gente humilde, diante do sofrimento. E agora parece que há os que pensam em abusar desse conformismo, e esticá-lo ao limite máximo da tolerância humana.

Porém, agora os prejudicados não são apenas os pobres doentes não socorridos; mas também os manietados médicos e enfermeiras, que quase não podem socorrer. A confusão e a macabra dança de verbas, entre o Ministério da Saúde e o da Previdência, estão lançando o vibrião da desconfiança sobre a qualidade de um serviço hospitalar público — no qual pontificavam hospitais até há pouco apontados entre os melhores do continente.

Nosso sistema hospitalar público parece ter sido corroído por uma mesma colônia de cupins, a um só tempo, de norte a sul, tanto nas cidades médias como nas metrópoles do país. O desmoronamento é total.

As cenas focalizadas pela televisão ou pela imprensa repetem-se com tanta frequência, que já compõem uma normalidade de horrores. Normalidade em meio a qual gente do povo, médicos e enfermeiras tentam salvar um pouco de vida, e um mínimo de dignidade humana. À porta, nos corredores e nas tumultuadas salas ou saletas de pronto-socorro, juntam-se todos os mundos rebaixados pelo atraso social: o terceiro e o quarto, quem sabe, até um quinto mundo.

A medicina brasileira, de tradições tão gloriosas, não pode ficar sujeita a que seu mais ativo campo de trabalho, os hospitais públicos, se degrade até quase o nível das pocilgas. É urgente que o Congresso e toda a sociedade secundem o trabalho revelador e indignado da imprensa. Os hospitais públicos brasileiros precisam recuperar imediatamente suas condições normais de funcionamento e atendimento, de modo que o homem comum possa usufruir da competência médica, cada vez mais eficiente quanto mais bem equipados sejam esses estabelecimentos.

A Nação é testemunha e grata aos esforços daqueles médicos que, mesmo sob condições de carências técnicas, procuram socorrer os casos mais dramáticos e urgentes.

Paulo Maluf é presidente nacional do PDS.